

ESCOLA, JUVENTUDE E PROJETOS DE VIDA: O FUTURO NÃO ESTÁ ESCRITO!

School, youth and life projects: The future is not written!

Lucí dos Santos Bernardi

Juliane Cláudia Piovesan

RESUMO: *Este artigo tem por objetivo pensar os desafios no âmbito da Educação para a Juventude, destacando a construção do Projeto de Vida dos jovens e as diferentes interlocuções possíveis de estabelecer com o cotidiano da escola. Tem âncora no conceito de foreground, que designa as intenções, expectativas, aspirações e esperanças que o indivíduo tem com base nas oportunidades sociais, políticas, econômicas e culturais que a sociedade lhe proporciona. Ainda, discute o contexto escolar e as possibilidades do docente “ser e estar” presente no cotidiano sonhador dos estudantes.*

Palavras-chave: *Jovens, foreground, escola.*

ABSTRACT: *This article aims to think about the challenges within the scope of Education for Youth, highlighting the construction of the Life Project for young people and the different possible dialogues that can be established with the daily life of the school. It is anchored in the concept of foreground, which designates the intentions, expectations, aspirations and hopes that the individual has based on the social, political, economic and cultural opportunities that society provides them. Furthermore, it discusses the school context and the possibilities for teachers to “be and be” present in the students’ day-to-day dreams.*

Keywords: *Young people, foreground, school.*

1. PRIMEIRAS PALAVRAS

Escola, juventude e projeto de vida: o futuro não está escrito¹ é um manuscrito que objetiva pensar os desafios no âmbito da Educação para a Juventude, colocando em tela a construção do Projeto de Vida dos jovens e as diferentes interlocuções possíveis de estabelecer com o cotidiano da escola.

Mobilizamos pensar a singularidade do jovem para “escrever”, para projetar o seu futuro, ancorado na movimentação do coletivo. Partimos da premissa de que uma das funções da escola é a formação cidadã dos jovens. Para tanto, reconhecemos ser fundamental a reflexão sobre como essa instituição e seus docentes podem contribuir nos processos de construção de projetos que deem sentido ao futuro do ser humano.

Colocamos em pauta indagações que articulam o debate e são prementes de reflexões, como: o que o jovem pensa sobre a própria vida é uma preocupação da escola? Quais os campos de possibilidades do jovem para projetar sua vida? Que encaminhamentos, orientações e projetos são desenvolvidos nesse sentido? Como a escola tem percebido o interesse da juventude em planejar, ter perspectiva e sonhar? Como o professor pode fazer parte deste processo?

O futuro não está escrito! Ele precisa ser pensado, sonhado e planejado. É a dimensão do agir, por isso, com necessidade de ser projetado. Neste contexto, defendemos que pensar Projeto de Vida é ter a capacidade de integrar o passado, o presente e o futuro, articulado a identidade e o protagonismo do jovem. Nossa reflexão traz dois conceitos basilares: *background*, que diz sobre as experiências anteriores vivenciadas no contexto cultural e sociopolítico pelo indivíduo (Skovsmose, 2014), e *foreground*, para designar as intenções, expectativas, aspirações e esperanças que o indivíduo tem com base nas

1 Grupo de Trabalho proposto no XII Simpósio Nacional de Educação (SINCOL), V Ciclo de Estudos em Educação, VI Colóquio Internacional de Políticas Educacionais e Formação de Professores, em 2022.

oportunidades sociais, políticas, econômicas e culturais que a sociedade lhe proporciona (Skovsmose, 2007).

Destarte, o estudo se propõe pensar no como se pode escrever o futuro, colocando em pauta a conexão entre os *backgrounds*, o presente e os *foregrounds*, movimento que é fundante para a constituição de sonhos, e destacamos o Projetos de Vida de jovens, um processo que não começa na juventude, mas que tem uma caminhada desde a infância, na família, na escola e na sociedade. Ainda, ponderamos o contexto escolar e as possibilidades do docente “ser e estar” presente no cotidiano sonhador dos estudantes.

2. COMO ESCREVER O FUTURO?

*Como será amanhã?
Responda quem puder
O que irá me acontecer?
João Sérgio (1978)*

Com o samba-enredo, de 1978, escrito por João Sérgio, propomos uma reflexão sobre o futuro, em especial, o futuro da juventude, como será o amanhã? Como o jovem está escrevendo seu futuro? Responda quem puder!

A preocupação com o futuro em nossa sociedade é foco de reflexões na literatura e, em diversas discussões. Dentre elas, aquelas que destacam o relevante e essencial papel da educação como representativo de esperança e alicerce para sonhos e projetos. Nessa perspectiva, a Educação é inserida na construção de um futuro com ética, com respeito a vida e a dignidade humana, é inserida também na dimensão educativa escolar.

O que é o futuro? Pensar, projetar o futuro é também levar em conta o passado, bem como configurar o presente. O passado, que podemos chamar de *background* e o futuro, *foreground*, processos fundamentados também no hoje, no presente, o qual amanhã já se desenha como *foreground*, sendo esse o ciclo que movimenta a vida, que baliza sonhos, esperanças e projetos.

Essa é uma construção dinâmica, pois o jovem constrói permanentemente um significado, um sentido para suas experiências, suas vivências anteriores, “refere-se a tudo o que ele já viveu, enquanto o seu *foreground* refere-se a tudo o que pode vir a acontecer com ele. Enquanto o *foreground* da pessoa é algo em aberto, o *background*, de alguma maneira, é algo que já se cristalizou no passado” (Skovsmose, 2014, p. 35). Pode-se considerar que é uma combinação entre o passado e futuro.

Compreendemos que o *background* de uma pessoa ao ser revisitado pode ser ressignificado. Com que lentes examinamos a caminhada que já empreendemos em nossa vida? Não podemos mudar nossa caminhada... mas podemos ajustar nossas lentes e atribuir novos significados ao vivido, ao experienciado, ao que chamamos de passado. Novos significados para o *background* contribuem para reelaboração do *foreground*, para novos desenhos do futuro.

Para o dicionário on-line de Português, “futuro é sinônimo de: porvir, horizonte, destino, direção, fado, orientação, sorte, meta, rumo”. Ainda um “tempo que está por vir, que se segue ao tempo presente”. Assim, escrever o futuro, esse tempo e espaço de porvir, de horizonte é pensar no que foi (passado), observar, refletir e ponderar o presente (o viver, o momento), já articulando perspectivas e sonhos, enfim projetando, imaginando e alicerçando.

Nesse aspecto é necessário fomentar processos escolares que dialoguem, se preocupem e reflitam o *background* do/com o jovem, proporcionando perspectivas de reelaboração de *foreground*, na expectativa de construção de projetos de gentes e de projetos de vida.

Com a pandemia da Covid-19², o futuro “mudou muito”. Passamos a viver um presente incerto, recheado de descontinuidades, medos e, de alguma forma, esperanças. As certezas sobre as condições do

2 De acordo com o Ministério da Saúde, a Covid-19 (*COronaVirus Disease*) é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global. Destaca-se que, no Brasil, modificou o contexto da social a partir de março de 2020, com marcas profundas no cotidiano das pessoas.

futuro foram assoladas, pois, de forma brusca, o futuro ficou encoberto por uma espessa névoa, indistinguível... inconfiável!

Innerarity (2011) em sua obra “O futuro e seus inimigos” pondera sobre uma política do optimismo e da esperança numa ocasião em que diminui a confiança no futuro. O autor postula que, neste presente incerto, precisamos de afirmar que há sempre a possibilidade de *outros futuros*. Nem tudo se esgota no imediatismo do presente. Só o ser humano sabe que há futuro e é isso que nos distingue de todos os outros seres vivos.

Sabemos que a perspectiva de futuro de um ser humano é importante para entender os motivos que este tem para aprender, para se desenvolver, para construir e para projetar. Por perspectiva de futuro identifica-se como esse ser humano observa seu próprio futuro. Inclui seus sonhos, seus desejos, suas intenções, suas expectativas, suas esperanças, seus medos e obstáculos que possa se deparar no caminho da vida. Que motivos o jovem possui para pensar em seu futuro? Como a escola auxilia no movimento de construção de seu futuro

A discussão do conceito de *foreground* tem uma concepção social. As possibilidades e os obstáculos que um ser humano enfrentará estão relacionados com o contexto social, político, econômico e cultural em que vive, viveu, convive e conviveu. Mas essa circunstância não é determinante no futuro, pois a maneira como encara seu contexto e como planeja/projeta seu futuro também fazem parte de seu *foreground*.

Qual o sonho desse jovem? Para Freire (1992), sonhar não é um mero desejo, mas é um ato político, resultado da significação histórico-social de estarmos sendo mulheres e homens nesse mundo. É uma maneira de construirmos e reconstruirmos a história, como sujeitos que não só se inserem e se adaptam ao mundo, como também objetivam transformá-lo.

Talvez o conceito de sonho, em Paulo Freire, é o de *foreground*, em Ole Skovsmose³, mas que sonhos e perspectivas esse jovem possui? O que a sociedade coloca como futuro? O que é ter futuro? Como o jovem escreve seu futuro?

Freire ainda nos ajudar a compreender o *foreground* quando nos lembra que o ser humano é um portador de desejos que se relaciona com outros seres humanos. Tessaro e Bernardi (2019) complementam:

É um ser movido de desejos que se relaciona com outros humanos também portadores de desejos, sendo assim, é um ser sociável, que ocupa um lugar na sociedade, um lugar singular e único, pois tem uma história de vida, interpreta o mundo à sua maneira, atribui sentido a esse mundo, à posição que nele ocupa, às suas relações e à sua própria singularidade. (p. 429).

Portanto, para compreendermos o *foreground* de um jovem é fundamental levarmos em consideração a sua singularidade e o significado atribuído a ela. É necessário que nossa posição seja de escuta (e fazer ouvir sua voz) e que possamos pensar “de que lugar esse jovem fala” para construirmos pistas sobre “em que lugar ele quer chegar”.

Refletimos e expressamos a inquietação com os sonhos dos jovens estudantes e nos perguntamos: Como são constituídos os *foregrounds* de jovens estudantes? O que trazem de seu *background*? De que forma a escola tem trabalhado neste contexto e nesse processo?

Assim, escrever o futuro de um jovem que é presente, que é potente, é possibilitar sonhos, objetivos e perspectivas. É permitir que essa tessitura seja organizada em contexto familiar, escolar e social

3 Ole Skovsmose é dinamarquês, professor na Aalborg University (AAU/Dinamarca) e na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp/Brasil). Possui doutorado em Mathematics Education - Royal Danish School of Educational Studies (DLH/Dinamarca). Desenvolve pesquisas em Educação Matemática, atuando principalmente nos seguintes temas: Matemática em Ação, Educação Matemática Crítica, e Programa de Pesquisa em Educação Matemática Crítica.

durante sua caminhada de vida, de uma educação para a vida, para a realização, para mudar sua situação vivida e para a felicidade.

3. O JOVEM, O FUTURO E OS PROJETOS DE VIDA

*Um menino nasceu –
o mundo tornou a começar.
João Guimarães Rosa (1986).*

Todo jovem foi um menino, uma menina um dia e como nos traz João Guimarães Rosa, o mundo se transforma, começa, recomeça a cada nascimento. A cada novo ser, tem-se novas histórias, novos sonhos, novas angústias, ser este que pode arquitetar no mundo o que lhe foi concedido de herança cultural, biológica, familiar, escolar e social. A juventude, e em especial a adolescência, são consideradas as etapas mais importantes do desenvolvimento humano no tocante à construção de metas e de objetivos futuros para um projeto de vida (Damon, 2009).

Maia e Mancebo (2010), definem juventude como um processo que se assemelha com outras etapas da vida, que se constitui por influências e determinantes sociais, históricos e culturais, e que, diante e a partir de cada etapa apresenta distintas finalidades, simbolizações e definições. Pais (1993) reitera que juventude é um grupo de pessoas que se constitui socialmente, elaborado em situações específicas, individuais, financeiras, políticas ou sociais, um grupo suscetível a transformar-se no decorrer dos anos. São indivíduos com diversas chances, sonhos, medos, viabilidades e possibilidades.

Compreendemos o jovem como um indivíduo com diferenças e particularidades. São seres humanos que possuem vivências distintas na questão familiar, social, cultural e econômica, o que torna imprescindível reconhecer a realidade presente dos jovens, bem como sua condição de sujeitos, em preparação para o futuro.

A sociedade necessita olhar para o jovem como protagonista, ator de sua história, com experiências construídas pelas suas singularidades, anseios, medos, angústias, dificuldades para a

projeção de seu futuro, para a reelaboração e elaboração de seu *foreground*, culminando na construção de seu projeto de vida. Ainda, entendendo o jovem na sua forma de viver, dentro de um tempo e um espaço histórico, bem como de sua construção como sujeito incluso em uma sociedade.

Nesse aspecto, indagamos qual é o espaço que vem sendo proporcionado à juventude na nossa sociedade? Como entendemos seu percurso e desenvolvimento, como auxiliamos na construção de projetos de vida? La Taille (2009), destaca que há alguns aspectos fundamentais em relação à construção de projetos de vida no mundo atual, enfatizando a multiplicidade de possibilidades e a consequente necessidade de fazer escolhas. Nesse aspecto, ter um projeto implica ter uma intenção, uma finalidade, um objetivo, no sentido de conquistar, adquirir e realizar.

Serrão e Baleeiro (1999) ressaltam que a construção do projeto de vida é a instância final de um processo de desenvolvimento pessoal e social. Quando o jovem se revela preparado para iniciar essa construção, isso significa que formou sua identidade, compartilhou com o grupo e se tornou capaz de comunicar sonhos, desejos, planos e metas.

Mas o que é um projeto de vida? Para Damon (2009, p. 173), “o projeto de vida é tanto um fenômeno profundamente pessoal quanto inevitavelmente social. É construído internamente, ainda que se manifeste na relação com os outros. É fruto de reflexão interna, ainda que também o seja de exploração externa”. Assim, os projetos se assentam nos interesses e valores do indivíduo, bem como nos valores culturais, sociais e nas influências de outros seres humanos. Na perspectiva de Ryff e Singer (1998, p. 7) ter um propósito na vida significa “[...] sentir que há sentido na vida presente e passada [...]”. E esse sentido de vida permite a construção de projetos de vida e estes, como algo que causa impacto significativo no mundo.

Quando pensamos em projetos de vida, inevitavelmente, nos vem no pensamento o significado da palavra projeto. No Dicionário online *projeto* pode ser definido como, plano; planejamento que se faz

com a intenção de realizar ou desenvolver alguma coisa, como projeto de lei, esquema noção inicial, escrita e detalhada, do que se pretende desenvolver; aquilo que se pretende realizar, de acordo com esse esquema. Assim, é possível afirmar que projetar é desenvolver planos, planejamentos, esquematizar com vistas a desejos, sonhos, construção e realização, se integrando e interconectando ao planejamento das trajetórias de vida.

Para Quevedo (2001, p. 15), a palavra “projeto” (do latim *projectus*) significa, literalmente, algo que é “lançado para diante”, “arremessado” ou “atirado” longe e com força. Projeto, então, designa a ideia de uma situação ou estado que se deseja alcançar no futuro. Para Dayrell (2014, p. 18), “a ação do indivíduo de escolher um dentre os futuros possíveis, capaz de transformar os desejos e as fantasias que lhe dão substância em objetivos passíveis de serem perseguidos, representando, assim, uma orientação, um rumo de vida”.

E, ainda, esse rumo do jovem, essa construção de vida, é movida por muitos projetos. Conforme Alves (2015) e González-Alonso & De Castro-Hernández, (2019), há que se considerar, que não existe apenas um projeto de vida, mas vários, que não se resumem apenas à vida profissional, mas à construção de toda a vida do jovem no contexto social, cultural, político, econômico, que evidencia as possibilidades mediante a problematização de outras condições da vida, de diversos *backgrounds*, que movimentarão muitos *foregrounds*, muitos futuros. Sendo assim, “... falar em projetos de vida é mais amplo, porque, além da vida profissional, também é preciso problematizar outras dimensões da condição humana, como as escolhas afetivas, os projetos coletivos e as orientações subjetivas da vida individual” (Alves, 2015, p. 377).

É possível afirmar, nesse cenário que os projetos de vida estão intimamente ligados às condições disponíveis ao jovem no decurso de sua vida, os espaços sociais e culturais em que participou, as possibilidades econômicas, afetivas, familiares e intelectuais, enfim o contexto da comunidade em que vive. E então, esse ser humano consegue problematizar, refletir essas situações, esses *backgrounds*, bem como os projetos de vida arquitetados, sonhados são construídos

observando essa perspectiva. Isso nos remete a compreender o projeto como algo que não é unicamente subjetivo e individual, mas que nasce movimentado por um contexto histórico, cultural e social, portanto de um coletivo. Como infere Bernardi e Cecco (2021),

Projeto de sonho, que possibilite ao sujeito pôr em prática o que acredita a partir das concepções e crenças inerentes ao projeto de sociedade em que está inserido, permeado por valores e expectativas, por conhecimentos e comportamentos, impulsionados por sua consciência. (p.42).

Consideramos um dos elementos basilares para o debate pensar a articulação entre os interesses, entre projetos individuais e coletivos como uma tarefa permanente. Que sociedade queremos? Como o projeto de cada um insere-se na teia social?

Skovsmose e Penteado (2008) desenvolvem a ideia de projeto como uma tarefa coletiva em forma de rede. Para os autores:

...trabalhar com projetos significa se movimentar numa rede cujos nós são pessoas, objetos, instituições, entre outros. O acesso a esses nós não ocorre através de um caminho único. É possível adotar percursos diferentes. O movimento altera o contexto e o resultado. Numa rede não existe um centro e, pela sua mobilidade, todos os nós podem constituir-se no centro. O ritmo, a forma, as opções e as necessidades emergirão da situação e serão locais, datados e transitórios. (Skovsmose & Penteado, 2008, p. 04-05).

Logo, os projetos individuais entrecruzam-se permanentemente com outros projetos, de outros sujeitos, outros grupos. É necessário que a articulação entre eles tenha um objetivo maior, a luz da cidadania, em que cada um assuma a responsabilidade relativa ao interesse e ao destino do coletivo. É a ideia de cidadania que cria instrumentos legítimos de articulação entre os projetos individuais e os coletivos.

O movimento proposto nos conduz a uma importante premissa; projeto é uma construção dinâmica, que precisa ser revisitado e transformado, mas certamente, sempre sonhado!

Velho (1999) defende a ideia de que o projeto pode ser constantemente reelaborado. Para o autor, vivemos e convivemos em uma sociedade complexa, com categorias sociais distintas. Uma organização social com contradições e desafios, cujo impacto na construção de projetos é elucidado pelo autor:

De forma aparentemente paradoxal em uma sociedade complexa e heterogênea, a multiplicidade de motivações e a própria fragmentação sociocultural, ao mesmo tempo que produzem quase que uma necessidade de projetos, trazem a possibilidade de contradição e de conflito. Por isso mesmo, o projeto é dinâmico e é permanentemente reelaborado, reorganizando a memória do ator, dando novos sentidos e significados, provocando com isso repercussões na sua identidade. (Velho, 2003, p. 104).

Assim, os projetos de vida são processos dinâmicos e imbuídos de contextos, de *background*, de personalidade, de identidade e precisam desempenhar um papel central na organização e na motivação da vida do jovem, na mobilização de seu *foreground*. São prementes tanto organizar as decisões quanto engajá-lo e encorajá-los em ações efetivas e sólidas. Nesse caminho, a leitura que o jovem faz de si e do mundo é de extrema importância no processo de construção do projeto de vida, pois este se desenvolve quando esses indivíduos exploram possíveis metas de vida e consideram o que a torna significativa, que proporcione satisfação e felicidade.

De acordo com Machado (2006), ter um projeto, projetar-se, é a essência de quem está vivo. O autor determina quatro características primordiais de um projeto, sendo:

- *o estabelecimento de objetivos*, pois sem intencionidade não há motivo para a ação em atingi- los;
- *a alusão ao futuro*, pois os objetivos projetam-se ao que está por vir;
- *os riscos*, esse futuro que está por vir não é determinado nem previsível;

- *autoria do projeto*, sendo que quem deseja alcançar seus projetos deve agir para esse propósito, ser protagonista de suas projeções e ações para concretizá-las. Ainda o autor coloca que,

As ações prefiguradas em um projeto devem ser realizadas pelo projetante, seja ele uma pessoa, uma equipe, um grupo social ou uma coletividade inteira. Em outras palavras, uma regra absolutamente fundamental é: podemos ter projetos juntamente com os outros, mas não podemos ter projetos pelos outros. Por mais que um pai ame seu filho, não pode desejar tanto seu bem ou seu sucesso a ponto de ter projetos por ele, o que corresponderia a viver a vida por ele... (Machado, 2006, p. 59).

Momentos do processo de vida que precisam fazer escolhas, eger caminhos, retirar, muitas vezes os sonhos das gaiolas⁴, transformando angústias e medos, em perspectivas e realizações.

Hurtado (2012) sublinha a relevância do jovem ter um projeto de vida, visto que, delinear um percurso para a própria vida é ao mesmo tempo significar empenhos do cotidiano, do presente, dando sentido à vida. Em função disso, o compromisso com ele é capaz de ser a causa de atitudes proativas e benéficas que podem colaborar para que o indivíduo consiga superar conflitos e pensar na forma como quer vivenciar sua existência, com autonomia e protagonismo. Ou seja, assumir um projeto de vida é apropriar-se como ator principal da própria vida.

Assim, há a necessidade de envolver ativamente os jovens em torno do processo de construção do projeto de vida, a fim de que ele forneça uma estrutura tanto organizacional quanto motivacional para suas escolhas, comportamentos e formação da identidade (Damon, 2009).

Nesse caminho, a escola, como parte do tecido social e principal lócus que agrega os jovens, precisa assumir-se como mobilizadora de protagonismos, necessita possibilitar, por meio de sua ação e desenvolvimento pedagógico, que projetos de vida sejam sonhados e

4 O termo expresso por Skovsmose (2012) para transmitir a ideia de que um *foreground* arruinado pode ser uma forma excessiva e brutal de exclusão que, inclusive, aprisiona os sonhos dos excluídos e limita a sua visão de futuro.

estruturados. Trajetórias escolares que se confundem nos imaginários sociais, com caminhos de vida, comprovando a importância da escola.

Eis a importância e a necessidade da escola constituir-se como espaço para pensar e projetar o futuro junto com o jovem, promovendo uma aprendizagem de sentido e significado, que oportunize a eles serem sujeitos e protagonistas da sua vida e de sua aprendizagem. Nos traz Skovsmose (2004, p. 117) que, “... se os educandos não puderem ver qualquer perspectiva no que eles estão fazendo, então não podemos esperar qualquer participação significativa deles”. E ainda complementa,

Eu vejo a aprendizagem como ação (não todos os tipos de aprendizagem, mas alguns). Em particular, estou interessado em situações onde os educandos entendam a possibilidade de estabelecer aprendizagem como ação e tenham a oportunidade de colocar suas intenções na aprendizagem. No entanto, estamos longe de todos os educandos terem a oportunidade de relacionar o conteúdo da aprendizagem ao seu *foreground* (Skovsmose, 2004, p. 111).

Cabe ressaltarmos que o *foreground* pode ser considerado como principal elemento para compreendermos as ações de um sujeito, de forma que merecem ser considerados pelos docentes para promover um processo educativo significativo. O cotidiano de um jovem é permeado por ações, desejos, comportamentos e perspectivas, que podem ser mediados pela escola.

A escola é um local de mediação, que é capaz de oportunizar ao aluno relacionar-se com o outro no contexto da diversidade cultural, com os conhecimentos historicamente construídos, tendo como principal função social a inserção dos cidadãos em espaços que visem formar a conscientização e reflexão crítica. É na escola que os jovens podem encontrar-se diante de uma posição de fronteira entre as coisas que gostam de fazer e as que não gostam ou não se identificam (Tessaro & Bernardi, 2019, p. 425).

Sobre posição de fronteira, a caracterizamos como um espaço de intercâmbio individual em que se negocia o significado das diferenças, portanto, uma situação relacional. Para Barth (1998), é necessário que os sujeitos tenham a consciência das fronteiras que

marcam o sistema social ao qual pertencem e para além das quais eles identificam outros sujeitos implicados em outros sistemas sociais. Sem dúvida, a escola é um espaço profícuo para essa reflexão.

Assim, nesse cenário está o papel da escola, e conseqüentemente do docente, de promover para o jovem uma vivência de processos educativos que tragam sentidos e significados de vida, de projeções para uma sociedade mais humana e mais feliz, de perspectivas de futuro, que não está escrito, mas que pode ser refletido com alicerces e bases sólidas, para um jovem que é presente e é sonho!

4. REFLEXÕES SOBRE A DOCÊNCIA E PROJETOS DE VIDA DOS JOVENS

A elaboração de um projeto de vida é fruto de um processo de aprendizagem, durante o qual o maior desafio é aprender a escolher.

Juarez Dayrell (2014, p. 38)

O processo de aprender é impregnado de humanidade, de desejos, de sentidos e de significados. Vygotsky (2001) compreende que o desenvolvimento de determinada atividade requer um motivo e o envolvimento volitivo do sujeito, sendo que o indivíduo se desenvolve quando dá o salto qualitativo no nível de consciência daquilo que pensa, faz e sente. E como traz Dayrell (2014), o projeto de vida nasce de um processo de aprendizagem e na efetivação de escolhas. Vygotsky (2004, p. 64) nos coloca três momentos de aprendizagem: “a percepção do estímulo, a sua elaboração e a ação responsiva”.

Nesse universo, o estudante aprende com as experiências pessoais, reflete e reage diante delas e elabora e reelabora novas formas de comportamentos. E esse é o movimento da constituição de projetos de vida, refletir *backgrounds*, observar e agir no presente, na construção de seus *foregrounds*. É trazer o jovem para a aprendizagem com significado, de incentivar a pensar seus *foregrounds*, de refletir o presente, bem como seus *backgrounds*, pois observamos a relevância de interpretar também o *background* dos indivíduos quando se

pretende investigar suas perspectivas de futuro (*foreground*). Necessário que os *foregrounds* direcionados, nos quais “o significado tem a ver com as esperanças, prioridades e imaginação dos estudantes; tem, também, a ver com superar medos e aversões” (Skovsmose, 2018, p. 775).

Ressalta ainda o autor, que “um *foreground* fica direcionado quando um elemento específico domina o processo de criação de significado. Esse elemento poderia referir-se a objetivos específicos estabelecidos para o futuro ...” (Skovsmose, 2018, p. 776). Nesse aspecto, *foregrounds* direcionados representam e formam experiências de significado, podendo, talvez, possibilitar expectativas de futuro, de construção de projetos de vida.

Reiteramos que esse processo de construção do ser (verbo)⁵ humano se efetiva com o auxílio da família e da escola (Guzón-Nestar, & González-Alonso, 2019). Neste estudo, vamos ponderar a escola, a docência e seu envolvimento na construção/elaboração de projetos de vida. Quem sou eu? Do que eu gosto? O que quero fazer? Muitas das respostas a essas perguntas significam escolhas. E essas escolhas dependem de fundamentação, de conhecimento de si, da ciência e do mundo. Nesse caminho é essencial um profissional chamado professor, em um ambiente chamado escola. De entender quem é o jovem? O que ele pensa? O que ele projeta? Como a escola tem percebido o interesse da juventude em planejar, ter perspectiva e sonhar? Quais os campos de possibilidades do jovem para projetar sua vida?

Bombonato (2007) sublinha que a escola precisa ser um ambiente acolhedor, que auxilia na formação do caráter e contribui no

5 A compreensão do ser é uma linha, aparentemente tênue, entre verbo e substantivo: Sobrevivência e transcendência constituem a essência de ser [verbo] humano. O ser [substantivo] humano, como todas as espécies vivas, procura apenas sua sobrevivência. A vontade de transcender é o traço mais distintivo da nossa espécie. Não se sabe de onde provém a vontade de sobreviver como indivíduo e como espécie. Sem dúvida, está incorporada ao mecanismo genético a partir da origem da vida. Simplesmente constata-se que essa força e a essência de todas as espécies vivas. [...] Cada momento é um exercício de sobrevivência. (D’Ambrósio, 2001, p. 5).

crescimento da personalidade do jovem. Essa instituição é considerada um campo fértil para experimentações sociais, tendo como desafio primordial estimular a liberdade responsável e construir saberes, conhecimento no aprendiz, diante dos desafios impostos pelos avanços tecnológicos e pela torrente de informações. E nessa edificação poderá e deverá ser organizado o projeto de vida. Um ambiente formal no qual o ser humano perpassa por toda a sua vida, iniciando na infância, na busca de informação que gera conhecimento, para adquirir competências e habilidades que são suportes necessários para auxiliar na superação de desafios que a vida proporciona e na construção de sonhos e projetos.

Vygotsky (2001, p. 129) entende que "para compreender a fala de outrem não basta entender as suas palavras – temos que compreender o seu pensamento. Mas nem isso é suficiente – também é preciso que conheçamos a sua motivação". Assim, é necessário o docente considerar a dimensão afetiva, olhar e escutar esse jovem, o que está presente no contexto do pensamento e da fala, na sua compreensão da aprendizagem, tal como, aquilo que motiva esse ser. Visca (1987, p. 07), destaca que "para uma pessoa, a aprendizagem abre o caminho da vida, do mundo, das possibilidades, até de ser feliz" (VISCA, 1987, p. 07). Eis o desafio e a responsabilidade da docência, respeitando e buscando entender os sonhos, as angústias, as expectativas, enfim, o ser humano que está dentro de cada um, e ainda, ajudando a manter a esperança. Barbosa (2006, p. 17) enfatiza que

... mediar a ação de aprender no âmbito escolar é a grande tarefa do professor. Se temos um aprendiz por inteiro, pluridimensional e uma tarefa educacional que possibilita a interação deste aprendiz com o conhecimento historicamente constituído, para incentivar novas construções, novos saberes, necessitamos conceber os alunos e alunas do atual momento histórico como sujeitos capazes de agir sobre o mundo.

Neste caminho, a ação, a atividade, o trabalho pedagógico do professor são de extrema relevância, pois ele contribui no desenvolvimento das habilidades, proporciona a construção do conhecimento, dialoga com esse jovem, aproveita as vivências e

experiências para o debate em sala de aula, e certamente, pode motivar e auxiliar na busca de horizontes, na constituição de projetos de vida. Sabedores, ainda, como destaca Silva (2008) que projeto de vida não é algo acabado que um dia se alcançou e se conseguiu para sempre. É algo que cresce, desenvolve-se, aprimora-se. É um processo que tem metas, passos, etapas, pessoas, gestos visíveis e tempos de avaliação.

Segundo Libâneo (1994, p. 249), “as relações entre professores-alunos, as formas de comunicação, os aspectos afetivos emocionais, a dinâmica das manifestações na sala de aula, fazem parte das condições organizativas do trabalho docente”. E essas relações e ações certamente fundamentarão aprendizagens com sentido, quando professores e alunos dialogam sobre a ciência, sobre o contexto social, sobre a vida e seus mais diversos tons, quando buscam respostas e trazem novas perguntas.

Tessaro e Bernardi (2019) inferem sobre a importância de possibilitar o desenvolvimento do *foreground* dos estudantes, no sentido de refletir as práticas pedagógicas que estão sendo desenvolvidas na escola. Concordamos com as autoras que os docentes precisam permitir-se pensar criticamente sobre o contexto em que os jovens estão inseridos, tanto em relação ao contexto social quanto escolar, com um olhar voltado às múltiplas necessidades sociais, econômicas e afetivas. Ainda, oferecer a eles possibilidades que possam estimular a autonomia cognitiva e pessoal através dos processos educativos.

O docente é um profissional de influência na constituição dos projetos de vida. No espaço escolar ele precisa motivar a formação de identidade, trazer referências significativas para a juventude, pois a escola é um tempo e um espaço decisivo para a socialização do jovem, onde aprende a interagir com os outros, adquirindo grande parte dos conhecimentos que lhe permitirão se tornar protagonista de sua vida, de sua trajetória e de seu projeto de vida. Neste cenário, Serrão e Baleeiro (1999) sobrelevam que o professor precisa estar atento e compreender às diferentes épocas, à diversidade de histórias, os sonhos e os projetos, para cumprir seu papel de facilitador da trajetória do jovem rumo ao encontro de si mesmo.

Ressalvamos, então, a responsabilidade da escola, o preparo de um docente (que também precisa ter sonhos, ter projetos, revisitar seu *background*, viver e realizar no presente e reelaborar seu *foreground*) em movimentar ações, dinâmicas, metodologias que permitam este jovem se conhecer, a expressar a sua condição sociocultural, de ser visto como protagonista, como cidadão, criativo e detentor de vivências e de experiências que acrescentarão ao processo de aprendizagem. Um jovem que precisa ter sonhos, que precisa desejar, ter curiosidade, que precisa projetar, que é presente, mas que necessita ter uma visão de futuro e que agregue valor a sua existência. Enfim, precisa voar!

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Há escolas que são gaiolas e há escolas que são asas.
Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte
do voo.*

*Pássaros engaiolados são pássaros sob controle.
Engaiolados, o seu dono pode levá- los para onde quiser.
Pássaros engaiolados sempre têm um dono.*

*Deixaram de ser pássaros.
Porque a essência dos pássaros é o voo.
Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados.*

*O que elas amam são pássaros em voo.
Existem para dar aos pássaros coragem para voar.
Ensinar o voo, isso elas não podem fazer,
porque o voo já nasce dentro dos pássaros.*

*O voo não pode ser ensinado.
Só pode ser encorajado.
Rubens Alves (2004).*

Rubens Alves nos convida a pensar voos...

No fundo, esse é o convite do nosso texto... pois escrever o futuro significa pensar em sonhos e em voos!

Acreditamos que os sonhos nos constituem e nos mobilizam às lutas diárias e ao devir, a rever nossa presença na sociedade, a alcançar nossos voos. E cremos, ainda, que a escola e os professores podem assumir importante papel no sentido de encorajar ou aprisionar sonhos, que encorajam ou aprisionam voos... que escrevem ou reproduzem futuros. Queremos escrever futuros!

Nossa reflexão colocou em tela o projeto de vida do jovem, um caminho de pensar no futuro. Reafirmamos a sua importância na vida do jovem, para sua reafirmação, para sua segurança, para orientação de sua caminhada, compreensão de seus desejos e, através disso, elevação da autoconfiança, tão necessária para a juventude. A elaboração do projeto de vida pode possibilitar a forma como o jovem se enxerga e pensa nas suas relações na sociedade como um todo, colocando-se como protagonista da sua existência, da sua história.

Dessa forma, acreditamos que é necessário refletir na escola as individualidades do jovem, seus *backgrounds*, suas histórias, experiências, vivências, sonhos, medos e expectativas. A juventude precisa de possibilidades para demonstrar suas potencialidades, habilidades e a escola é o espaço que pode (e precisa) servir de base e sustentação, na conquista da independência e autonomia.

É um momento da vida, guiado também, pelo caminho já trilhado, que começam a projetar suas ações futuras, os objetivos que desejam alcançar, necessitando fazer escolhas, delimitar metas e correr riscos, enfim, elaborar e reelaborar seus *foregrounds*, as oportunidades, mas como essas situações são percebidas por esse jovem.

Inferimos ainda a necessidade de pensar a formação docente no contexto de projeto de vida, para além de mediador no processo do estudante, mas que ele próprio possa articular fatores que envolvem as suas experiências, as suas vivências, ou seja, os *seus backgrounds*, pensar seus *foregrounds*, elementos fundamentais para projetar o seu futuro, que ainda não está escrito.

Por fim, partilhamos com o leitor um recorte do pensamento do escritor argentino Jorge Luis Borges, que no epílogo de “O fazedor” escreveu: “Um homem se propõe a tarefa de desenhar o mundo. Ao

largo dos anos povoa um espaço com a imagens de províncias, de reinos, de montanhas, de baías, de naves, de ilhas, de peixes, de habitações, de instrumentos, de astros, de cavalos e de pessoas. Pouco antes de morrer, descobre que esse paciente labirinto de linhas traça a imagem de seu rosto”.

Ao desenhar o mundo... nos desenhamos e nos redesenhamos!

6. REFERÊNCIAS

- ALVES, M. Z. & DAYRELL, J. Ser alguém na vida: um estudo sobre jovens do meio rural e seus projetos de vida. *Educação Pesquisa*, 41 (02), 2015, 375-390. <http://www.scielo.br/pdf/ep/v41n2/1517-9702-ep-41-2-0375.pdf>.
- ALVES, R. *Gaiolas ou asas. A arte do voo ou a busca da alegria de aprender*, 2004, Porto: Edições Asa.
- BARBOSA, L. M. S. *Psicopedagogia: um diálogo entre a Psicopedagogia e a Educação*, 2006, (2a ed. rev. e aum.) Curitiba: Bolsa Nacional do Livro.
- BARTH, F. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: P. Poutignat & J. Streiffenart (Eds.), *Teorias da etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth*, 1998, São Paulo: Unesp.
- BERNARDI, L.S. & Cecco, B. L. Educação financeira e projetos de vida: tecendo formas para o ser humano sobreviver e transcender. In: J. Moll & L. S. Bernardi, *Cidades educadoras: novos olhares para o desenvolvimento humano escola e para além dela – aportes reflexivos do XI SINCOL*, 2021, Frederico Westphalen: URI Westph.
- BOMBONATTO, Q. O sentido da escola. *Revista Mente e Cérebro – O Olhar Adolescente: os incríveis anos de transição para a idade adulta*, 2007, Edição Especial (3), 21-29.
- BORGES, J. L. O fazedor. In: Borges, J. L. *Ficciones*, 1996, Buenos Aires: Emecé.
- BRASIL. Ministério da Saúde. *Sobre a Doença*. <<https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca>>
- D’AMBROSIO, U. Paz, educação matemática e etnomatemática. *Teoria e Prática da Educação*, 2001, Maringá, 4 (8), 15-33.
- DAMON, W. *O que o jovem quer da vida?* 2009, São Paulo: Summus.
- DAYRELL, J. & CARRANO, P. Juventude e ensino médio: quem é este aluno que chega à escola. In: J. Dayrell & P. Carrano (mais Orgs.). *Juventude e*

- ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo*, 2014, Belo Horizonte. Editora Ufmg.
- FREIRE, P. *Pedagogia da esperança*, 1992, Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- FUTURO. In: DICIO, Dicionário Online de Português. <https://www.dicio.com.br/futuro/>
- GONZÁLEZ-ALONSO, F., & DE CASTRO-HERNÁNDEZ, R. M. (2019). *Mejorar la convivencia. Educación en valores y Derecho Educativo*. Tirant lo Blanch.
- GUZÓN-NESTAR, J. L., & GONZÁLEZ-ALONSO, F. (2019). La comunicación entre la familia y la escuela. *Papeles Salmantinos de educación*, (23), 31–54. <https://doi.org/10.36576/summa.108386>
- HURTADO, D. H. *Projetos de vida e projetos vitais: um estudo sobre projetos de jovens estudantes em condição de vulnerabilidade social da cidade de São Paulo*, 2012, (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.
- INNERARITY, D. *O futuro e os seus inimigos*, 2011, Lisboa: Teorema.
- LA TAILLE, Y. M. R. *Formação ética: do tédio ao respeito de si*, 2009, Porto Alegre: Artmed.
- LIBÂNEO, J. C. *Didática*, 1994. São Paulo: Cortez
- MACHADO, N. J.; MACEDO, L. & ARANTES, V. (Orgs). *Jogo e projeto: pontos e contrapontos*, 2006, São Paulo: Summus.
- PAIS, J. M. *Culturas juvenis*, 1993, Lisboa: Imprensa Nacional.
- PROJETO. In: DICIO, Dicionário Online de Português. <https://www.dicio.com.br/projeto/>
- QUEVEDO, L. G. *Projeto de vida: amar e ser amado*, 2001, São Paulo: Loyola.
- MAIA, A. A. R. M. & MANCEBO, D. Juventude, trabalho e projetos de vida: ninguém pode ficar parado. *Psicologia Ciência e Profissão*, 2010, 30 (2), 376-389. <<http://www.redalyc.org/pdf/2820/282021782012.pdf>>.
- RYFF, C. D. & SINGER, B. Middle age and well-being. In: *Encyclopedia of mental Health*, 1998, 2, 707–719.
- GUIMARÃES ROSA, J. *Grande sertão: veredas*, 1986, Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- SERRÃO, M. & BALEEIRO, M. C. *Aprendendo a ser e a conviver*, 1999, São Paulo: Fundação Odebrecht/ FTD.
- SILVA, E. P. *Projeto de vida pessoal*, 2008, Brasília: Cisbrasil-CIB.
- SKOVSMOSE, O. & Penteado, M. G. *Trabalho com projetos na educação matemática*, 2008, Anais do IX Encontro Nacional de Educação Matemática. Belo Horizonte, SBEM.

- SKOVSMOSE, O. *et al.* A aprendizagem matemática em uma posição de fronteira: *foregrounds* e intencionalidade de estudantes de uma favela brasileira. *Bolema*, 26 (42), 231-260. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-636X2012000100011>.
- SKOVSMOSE, O. *Educação crítica: incerteza, matemática, responsabilidade*, 2007, São Paulo: Cortez.
- SKOVSMOSE, O. *Um convite a educação matemática crítica*, 2014, Campinas: Papirus.
- SKOVSMOSE, O. Interpretações de significado em educação matemática. *Bolema*, 2018, 32 (62), 764-780. <http://dx.doi.org/10.1590/1980-4415v32n62a01>.
- TESSARO, M., & dos Santos Bernardi, L. T. M. O futuro pode ter muitos nomes: significando o foreground. *Práxis Educacional*, 15(36), 2019, 415-432. <https://doi.org/10.22481/praxisedu.v15i36.5898>
- VELHO, G. *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*, 1999, Rio de Janeiro: Zahar.
- VELHO, G. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*, 2003, Rio de Janeiro: Zahar.
- VISCA, J. *Clínica psicopedagógica - epistemologia convergente*, 1987, Porto Alegre: Artes Médicas.
- VYGOTSKY, L. S. *A construção do pensamento e da linguagem*, 2001, São Paulo: Martins Fontes.
- VYGOTSKY, L. S. *Teoria e método em psicologia*, 2004, 3. ed. São Paul: Martins Fontes.